

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Júlia Alves de Sousa

**LITERATURA INFANTIL E EMOÇÃO:
DESCOBRINDO CAMINHOS**

Goiânia-GO
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Júlia Alves de Sousa

Título do trabalho: Literatura Infantil e Emoção: descobrindo caminhos

2. INFORMAÇÕES DE ACESSO AO DOCUMENTO (ESTE CAMPO DEVE SER PREENCHIDO PELO ORIENTADOR) CONCORDA COM A LIBERAÇÃO TOTAL DO DOCUMENTO [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

CASOS DE EMBARGO:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

OBS.: ESTE TERMO DEVE SER ASSINADO NO SEI PELO ORIENTADOR E PELO AUTOR.



Documento assinado eletronicamente por **Soraya Vieira Santos, Professora do Magistério Superior**, em 24/02/2023, às 08:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Júlia Alves De Sousa, Discente**, em 28/02/2023, às 18:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3546822** e o código CRC **EF42F2CA**.

Referência: Processo nº 23070.005422/2023-48

SEI nº 3546822

Júlia Alves de Sousa

**LITERATURA INFANTIL E EMOÇÃO:
DESCOBRINDO CAMINHOS**

Projeto de pesquisa apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Goiás como requisito para
finalização do curso de Pedagogia
Orientador: Profa. Dra Soraya Vieira
Santos

Goiânia-GO
2023

**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA OBRA ELABORADA PELO AUTOR, ATRAVÉS
DO PROGRAMA DE GERAÇÃO AUTOMÁTICA DO SISTEMA DE BIBLIOTECAS
DA UFG.**

Sousa, Júlia Alves de

Literatura infantil e emoção [manuscrito] : Descobrimo
caminhos / Júlia Alves de Sousa. - 2023.

xliv, 45 f.

Orientador: Profa. Dra. Soraya Vieira Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação
(FE), Pedagogia, Goiânia, 2023.

1. Leitura. 2. literatura infantil. 3. emoção. I. Santos,
Soraya Vieira , orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 15 dias do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Literatura infantil e emoção: descobrindo caminhos”, de autoria de Júlia Alves de Sousa, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pela prof. Dra. Soraya Vieira Santos - orientadora (FE/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Sheila Daniela Medeiros dos Santos (FE/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10 (dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Soraya Vieira Santos, Professora do Magistério Superior**, em 03/03/2023, às 14:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sheila Daniela Medeiros Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 03/03/2023, às 14:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Júlia Alves De Sousa, Discente**, em 04/03/2023, às 10:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3568719** e o código CRC **A53EC053**.

***Dedico este trabalho ao
Senhor, pois sem Ele eu
sou totalmente incapaz de
realizar qualquer coisa.***

AGRADECIMENTOS

Ao meu fiel amigo Jesus, meu primeiro professor, sempre disposto a me ensinar, foi a respeito dele que eu ouvi e li minhas primeiras histórias, foi seu livro meu primeiro livro, daqui iniciou-se meu gosto pela literatura.

Ao meu bom pai, que não nega meus pedidos de livros e à minha mãe, doce amiga, que me ensinou a ler e que incontáveis vezes utilizou a Bíblia para me ensinar a lidar com as minhas emoções.

À minha irmã, companheira para todas as horas.

Aos meus amigos queridos, que dão graça a minha jornada.

À Sueli, minha conselheira.

À minha orientadora Soraya, a quem o Senhor reservou para que me orientasse.

“Pensar é um ato, sentir é um fato” (Cecília Meireles)

RESUMO

O presente trabalho objetivou problematizar as emoções como constitutivas dos seres humanos, compreendendo como sua presença na literatura infantil pode ser relevante para o desenvolvimento da criança. Para isso foi necessário retomar o conceito de emoção, utilizando como referencial teórico principalmente Wallon (1971, 2007), Johnson-Laird e Oatley (2016) e Zazzo (1968). Para conceituar a respeito do papel da leitura, da literatura e da literatura infantil foram cruciais as contribuições de Manguel (1997), Abramovich (1997), Souza (2013), Coelho (2000) e Zilberman (2003). Por meio de uma pesquisa qualitativa bibliográfica foram analisados nove livros literários infantis, divididos em duas categorias, sendo a primeira referente a livros que abordam as emoções diretamente e a segunda com respeito aos livros que não abordam as emoções de maneira direta, mas que possibilitam diálogo sobre sentimentos. A partir da análise realizada notou-se a significância da literatura que propicia aos leitores uma forma de representação de suas emoções.

Palavras-chaves: Leitura, literatura infantil, emoções

ABSTRACT

The present work aimed to problematize emotions as constitutive of human beings, understanding how their presence in children's literature can be relevant to the child's development. For this, it was necessary to resume the concept of emotion, using wallon (1971, 2007), johnson-laird and oatley (2016) and zazzo (1968) as a theoretical framework. To conceptualize the role of reading, literature and children's literature, the contributions of manguel (1997), abramovich (1997), souza (2013), coelho (2000) and zilberman (2003) were crucial. Through a qualitative bibliographical research, nine children's literary books were analyzed, divided into two categories, the first being a reference to books that address emotions directly and the second with respect to books that do not address emotions directly, but that allow dialogue about feelings. From the analysis carried out, it was noted the significance of the literature that provides readers with a way of representing their emotions.

Keywords: Reading, children's literature, emotions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A IMPORTÂNCIA DAS EMOÇÕES E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA.....	15
2.1 DEFININDO EMOÇÕES:	15
2.2 A LITERATURA E O SEU PAPEL:.....	17
2.3 LITERATURA INFANTIL.....	20
3. AS EMOÇÕES NA LITERATURA INFANTIL.....	23
3.1 LIVROS QUE ABORDAM AS EMOÇÕES DIRETAMENTE.....	24
3.1.1 O LIVRO DO MEDO	24
3.1.2 EMOCIONÁRIO.....	25
3.1.3 O HOMEM QUE AMAVA CAIXAS.....	27
3.1.4 NÓS.....	28
3.1.5 SE LIGUE EM VOCÊ.....	30
3.2 LIVROS QUE ABORDAM AS EMOÇÕES DE FORMA INDIRETA.....	31
3.1.1 QUANDO VOCÊ NÃO ESTÁ AQUI.....	32
3.1.2 ESTE É O LOBO.....	33
3.1.3 UM MURO NO MEIO DO LIVRO.....	34
3.2.4 BEM LÁ NO ALTO.....	36
3.2.5 OS PÁSSAROS.....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
5. REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

A escolha desse tema remete a um interesse da autora quanto à literatura infantil, pois ao recordar-se de suas idas frequentes à biblioteca, ainda quando criança, prática guiada e incentivada pela mãe, percebe a influência que os livros conquistaram nas suas vivências, acompanhando-a em todo o seu processo de desenvolvimento. A literatura infantil foi amparo e aconchego, diversão e prazer, em concordância com o relato pessoal: “Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava” (MANGUEL, 1997, p. 25) e tendo a ciência de que existe um universo literário, composto de incontáveis narrativas, que provocam inumeráveis reações nos leitores, este enfoque se destacou e sua relevância foi se evidenciando de acordo com o contato direto com crianças nas práticas docentes realizadas pela autora no período da graduação.

Sabemos que desde o nascimento os indivíduos são constituídos por emoções, como afirma Damásio (2000):

Sem exceção, homens e mulheres de todas as idades, culturas, níveis de instrução e econômicos têm emoções, atentam para as emoções dos outros, cultivam passatempos que manipulam suas emoções e em grande medida governam suas vidas buscando uma emoção, a felicidade, e procurando evitar emoções desagradáveis. (DAMÁSIO, 2000, p. 55).

E Damásio (2000) acrescenta que mesmo que se busque suprimi-las, apenas será possível discipliná-las. “Somos tão incapazes de impedir uma emoção, quanto de impedir um espirro”. (DAMÁSIO, 2000, p. 72). Dito isso, podemos notar que desde os primeiros meses os bebês já estão sujeitos, como nomina Wallon (1971), às suas emoções primitivas: o riso e o choro. Daqui se segue que uma multidão de emoções vão sendo experienciadas pela criança, como o medo, a cólera, a tristeza e a alegria.

Lembrando-nos de que as crianças de hoje são os adultos de amanhã, surge a importância de prestar mais atenção no que concerne ao desenvolvimento emocional infantil, podendo citar duas ações basilares para que os pequenos cresçam emocionalmente, são elas a regulação das emoções, que “refere-se à capacidade de modular a intensidade ou a duração dos estados emocionais” e

a compreensão das emoções, que "refere-se à capacidade de identificar, reconhecer e nomear emoções [...]" (FRANCO e SANTOS, 2015, p. 340).

Assim se justifica o tema deste trabalho, pois encontramos na literatura, em especial na literatura infantil, uma maneira de representar, nomear e identificar as emoções por meio de suas narrativas, pois assim como as próprias emoções, a literatura é uma linguagem, um meio de comunicação. Nesse sentido, objetivou-se compreender as emoções como constitutivas do ser humano e sua presença na literatura infantil.

Para tanto, no primeiro capítulo trilhou-se um caminho baseado em autores que possuem discussões e estudos com relação às emoções, como Wallon (1971, 2007), que estudou as emoções em seu aspecto tanto biológico como social, acompanhado de Damásio (2000), Johnson-Laird e Oatley (2016) e Zazzo (1968), que também buscaram conceituar as emoções e aquilo que as envolvem. Para compreensão do tema proposto, por meio de uma pesquisa do tipo qualitativa (LUDKE & ANDRE, 1986) investigou-se também sobre a literatura e seu papel, até alcançar especificamente a literatura infantil, baseando-se nos ideais de Manguel (1997), Abramovich (1997), Meireles (1984) dentre outros. Estas definições conceituais foram importantes para fundamentar o segundo capítulo que, por sua vez, apresenta uma seleção de dez livros literários infantis que de alguma forma abordam emoções, seja de forma direta ou indiretamente.

2 A IMPORTÂNCIA DAS EMOÇÕES E SUA RELAÇÃO COM A LITERATURA

2.1 DEFININDO EMOÇÕES:

Este capítulo pretende entender as emoções e analisar a sua presença na literatura infantil, para isso será necessário refletir a respeito do conceito de emoção e sua ação na vida do indivíduo. Dito isso veremos a importância de representá-la. É neste ponto em que se encontra a literatura. Seu conceito e sua importância serão ponderados para que possamos chegar no tipo de literatura em que este trabalho tem como foco, a literatura infantil. Dentro da literatura infantil retornaremos para o assunto inicial das emoções, buscando considerar como uma se relaciona com a outra.

"Todos sabem o que a emoção é, até lhes pedirem que a definam" (FEHR E RUSSEL, 1984, p. 464, tradução da autora). De acordo com Reeves (2006) a complexidade de sua definição se dá devido às suas muitas faces, subjetiva, biológica, propositiva ou social. Na face biológica o corpo responde a determinadas situações, como agente de um propósito, a emoção conduz o ser humano a tomar atitudes que sem ela não ocorreriam, na face subjetiva cada um sente da sua maneira e na face social, o meio se relaciona com as emoções. O autor afirma que a função da emoção é nos preparar para as tarefas fundamentais da vida, porém as emoções não se resumem a este único aspecto. "Na emoção há mais do que apenas um sentimento ou apenas uma expressão" (REEVES, 2006, p.190). A respeito dessa difícil conceituação das emoções, López-Pedraza (2010) afirma que:

[..] dizemos: sinto uma emoção. Mas a função do sentir, além disso, valoriza de maneira individual o mundo em que vivemos. Refiro-me a isto quando digo que escrever sobre emoções é difícil, pois qualquer escrito tende a ser racional e isso já é conflitivo porque, ao tratarmos de nos aproximar do mundo emocional a partir da razão, torna-se evidente que existe uma grande diferença entre esses dois aspectos da natureza humana. (LÓPEZ-PEDRAZA, 2010, p. 9).

Pode-se ter facilidade para identificá-las, mas seu significado, sua origem e o porquê de as sentirmos são aspectos mais complexos de serem definidos em uma única e absoluta definição.

De acordo com Zazzo (1968) "A emoção é uma linguagem antes da linguagem." (ZAZZO, 1968, p.14). As emoções são, inicialmente, a única forma de

comunicação do recém-nascido. Segundo Wallon (1968, 1971), desde o nascimento, o ser humano passa por diversas reações biológicas, a vida do bebê é marcada por espasmos que geram gritos, angústia, sofrimento, prazer e também é marcada por inúmeros reflexos, porém à medida que o bebê se desenvolve, o que antes era somente orgânico se mistura com o social.

As emoções possuem um papel importantíssimo nas relações com o outro, desde o choro do bebê para expressar que está com fome, até o desenvolvimento de laços uns com os outros e de afastamento. Quando um perigo é detectado, as emoções permitem ao homem adaptar-se ao meio ou modificar o meio para proveito pessoal.

Wallon (1968) conceitua que:

As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que, para cada uma, correspondem a certo tipo de situação. Atitudes e situação correspondente se implicam mutuamente, constituindo uma maneira global de reagir que é de tipo arcaico e frequente na criança. [...] Daqui resulta que muitas vezes, é a emoção que dá o tom ao real. [...] Ela é, com efeito, como que uma espécie de prevenção, o que depende mais ou menos do temperamento, dos hábitos do indivíduo. (WALLON, 1968, p. 148).

Wallon (1971) continua afirmando que existe uma forma de reduzir as emoções, representando-as.

Todo aquele que observa, reflete ou mesmo imagina, abole em si o distúrbio emocional. Não nos livramos da emoção tão-somente por tê-la reduzida às suas justas proporções, mas bem mais ainda pelo fato de nos têmos esforçado em representá-la. A emoção se apaga mesmo que tenhamos buscado a mais patética representação. [...] Uma amargura, ao ser narrada, perde ao mesmo tempo seu colorido visceral e puramente emocional. (Wallon, 1971, p. 79).

O autor afirma que ao representar essas emoções possuímos então a habilidade de apagá-las, daqui pode-se lembrar que a literatura, assim como diversas artes, tem este papel de representação. Nesse sentido, Johnson-Laird e Oatley (2016) realizaram uma interessante conexão, mostrando que as narrativas podem proporcionar que os leitores experienciam as mais diversas emoções, relembrem emoções já vividas anteriormente e que se identifiquem com os personagens.

As emoções parecem ser comuns a todos os mamíferos sociais. As emoções humanas, no entanto, são únicas em sua conexão com a música e a literatura - as artes. As pessoas podem experimentar uma

emoção não por causa de um evento real, mas porque elas estão lendo um poema ou romance, assistindo uma peça de teatro ou a um filme. (JOHNSON-LAIRD E OATLEY, 2016, p. 82, tradução da autora).

E os autores continuam...

Assim como as pessoas que aprendem a pilotar aviões melhoram suas habilidades em um simulador de voo, os leitores de ficção - simulação do mundo real- podem melhorar suas habilidades sociais. (JOHNSON-LAIRD E OATLEY, 2016, p.92, tradução da autora).

Diante disso, de certa forma podemos nominar a literatura como esse simulador do mundo real, mesmo que nas histórias fantasiosas, pois são inspiradas nos elementos da vida real

2.2. A LITERATURA E O SEU PAPEL

A literatura atua como um agente de formação, entretanto faz-se necessário refletir a respeito de dois outros aspectos englobados na Literatura: o ler e ouvir histórias. Diariamente, os seres humanos se encontram em constante leitura. Freire (1989) declara que inicialmente lemos o mundo, para depois realizarmos a leitura da palavra. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Manguel (1997) diz que a leitura tem muitos disfarces, ela não se detém apenas na leitura das páginas, a leitura pode ser encontrada em um:

[...] arquiteto japonês lendo a terra sobre a qual será erguida uma casa, de modo a protegê-la das forças malignas; o zoólogo lendo os rastros de animais na floresta; o jogador lendo os gestos do parceiro antes de jogar a carta vencedora; a dançarina lendo as notações do coreógrafo e o público lendo os movimentos da dançarina no palco; o tecelão lendo o desenho intrincado de um tapete sendo tecido; o organista lendo várias linhas musicais simultâneas orquestradas na página; os pais lendo no rosto do bebê sinais de alegria, medo, admiração; [...] o pescador havaiano lendo as correntes do oceano ao mergulhar a mão na água; o agricultor lendo o tempo no céu [...] (MANGUEL, 1997, p. 19).

Já o contato com os textos, inicialmente se dá de forma oral, ao escutar as histórias: “[...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 16). Ouvir histórias faz parte da vida da criança, não importa quem seja o contador, seja a mãe, o pai, os avós, os tios, os adultos próximos ou os professores. Para quem lê, há um universo de possibilidades a serem criadas e exploradas, novos mundos imaginários, reviravoltas, vilões, mocinhos, lições de moral, diversas narrativas e personagens. Para quem ouve, há a descoberta, o divertimento, o desenvolvimento do imaginário, o rir, o aprender, o se identificar. E para ouvir histórias não existe uma idade limite, todos podem ouvir.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve [...] Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Nesse sentido, Meireles (1984, p. 49) acrescenta:

O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Assim, as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas. As conquistas da imprensa não inutilizaram por completo o ofício de narrador. Por toda parte ele se mantém, e a cada instante reaparece, por discreta que seja a sua atuação. (MEIRELES, 1984, p.49).

Depois aprende-se a ler a palavra escrita, tal experiência expande mais ainda esse novo mundo de descobertas e sentimentos.” Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. [...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor.” (LAJOLO, 1993, p.7). Abramovich (1997) narra sua experiência pessoal com a leitura dizendo que para ela: “Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível” (ABRAMOVICH, 1997, p.14). A leitura caminha além do texto, porém a leitura literária tem sua diferença da leitura de mundo, para ler a palavra escrita é necessário certo conhecimento de decodificação, compreensão e interpretação, mesmo com os livros que possuem apenas imagens.

Nesse ponto Compagnon (1999), conceitua literatura como: “[...] tudo o que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém

(incluindo-se aí o que se chama literatura oral, doravante consignada).” (COMPAGNON, 1999, p. 31). Souza (2013) também conceitua literatura dizendo que é:

[...] sobretudo, engenharia de palavras. É a arte de colher e narrar acontecimentos de forma fantasiosa, que adquiriu ao longo da história diversas formas, como fábulas, lendas, canções de gesta, rapsódias, cânticos, historietas, parábolas, contos, novelas, um sem-fim de relatos orais e escritos. (SOUZA, 2013, p.1).

A literatura é também um instrumento de comunicação, nela encontramos as histórias dos seres mais primitivos desta terra, dos povos mais distantes, mas também do nosso próprio povo, os pensamentos dos mais diversos autores, sejam eles filósofos, psicólogos, engenheiros, românticos, pessimistas, sonhadores, e tantos outros. Como relata Coelho (2000): “Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo” (COELHO, 2000, p.27). Conhecendo a literatura pode-se conhecer a peculiaridade de cada época.

A literatura, exprimindo a exceção, oferece um conhecimento diferente do conhecimento erudito, porém mais capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas. Ela pensa, mas não como a ciência ou a filosofia. Seu pensamento é heurístico (ela jamais cessa de procurar), não algorítmico: ela procede Tateando, sem cálculo, pela intuição, com faro. (COMPAGNON, 1999, p. 51).

E o próprio autor acrescenta que “A literatura nos ensina a melhor sentir” (COMPAGNON, 1999, p. 51). O que também nos remete ao que disse Candido (2011), que defendeu a literatura como um direito humano, uma vez que o próprio autor pensava nos direitos humanos como aquilo que consideramos ser indispensável para todos. Dentro desses direitos existem os bens incompreensíveis, referentes aos bens que asseguram a sobrevivência física decente e a integridade espiritual, dentro da qual se inclui a literatura, esses bens são imprescindíveis. De acordo com o autor ao analisar-se a função da literatura encontram-se três faces:

(1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento inclusive como incorporação difusa e inconsciente. (CANDIDO, 2011, p. 178-179).

Por fim, a literatura “[...] não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição” (MEIRELES, 1984, p. 32). Possuindo tal papel formador, que tanto ensina como diverte, ela não pode se resumir a entretenimento, na verdade a literatura caminha ao contrário do conceito de resumir, ela está sempre ampliando e detalhando, sejam conhecimentos antigos, sejam novos, sejam modernas percepções e ideias, sem se esquecer daquelas que consideramos ultrapassadas.

1.3 A LITERATURA INFANTIL

Em geral, pode-se afirmar que a literatura se ramifica em três gêneros que se dividem em: narrativo, lírico e dramático. A literatura infantil é um tipo de literatura, seu gênero literário pode ser qualquer um, o narrativo, com fábulas, contos, pode ser lírico, com poesia e também pode ser dramático. Seu público, como o próprio nome já explica, são as crianças e os jovens, caminhando nesse momento de transição entre a infância e a juventude. Seu surgimento foi um grande marco para as crianças, que antes eram ignoradas na sociedade e depois passaram a ser reconhecidas como sujeitos de direitos. Porém, apesar de ter um público alvo, a literatura infantil certamente não se restringe à idade, todos podem lê-la. A respeito deste tipo de literatura, Zilberman (2003) relata que:

Entre os gêneros literários existentes, um dos mais recentes é o constituído pela literatura infantil, que apareceu durante o século XVIII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade provocaram efeitos no âmbito artístico, mudanças que vigoram até os dias atuais. (ZILBERMAN, 2003, p. 33).

Neste sentido, Arriès (1981) pontua que, inicialmente, a criança, na velha sociedade, não era notada, tampouco o adolescente, a infância durava somente enquanto a criança estava nos seus primeiros anos, nos quais ela recebia uma pequena atenção, pois causava divertimento aos adultos devido sua pouca idade, fase denominada de “paparicação”. Logo quando essa fase passava, ela era colocada em meio aos adultos e afastada de sua família. Dessa forma, sua aprendizagem estava em realizar ações junto aos mais velhos. Assim prosseguiu até em torno do séc XVIII, quando o conceito de família como lugar de afeto foi formulado: “A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato [...]” (ARRIÈS, 1981, p. 12) e a escola se tornou responsável pela aprendizagem. Arriès (1981) conclui que a mudança desse

conceito de família se exprimiu na importância que começou a ser dada para a educação, pois agora os pais se interessavam pela educação e estudos dos filhos.

Desta forma:

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão. (ZILBERMAN, 2003, p. 15).

Quando a criança foi reconhecida, fez-se necessário uma literatura que se adequasse à sua vivência e entendimento. Porém ainda com a visão da criança como pequeno adulto, seu início foi formado por adaptações de materiais já existentes. De acordo com Cademartori (2010), os padrões da Literatura infantil foram formados por Charles Perrault, que começou adaptando contos e lendas da Idade Média, depois vieram os irmãos Grimm, Christian Andersen, Collodi, Lewis Carroll, Frank Baum, James Barrie entre outros.

A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola. (COELHO, 2000, p.15).

Coelho (2000) afirma que, em sua natureza, a literatura infantil é a mesma que as literaturas destinadas aos adultos, tendo sua singularidade determinada pela natureza dos seus leitores, as crianças. Este tipo de literatura está ligada à diversão e à aprendizagem e deve ser adequada aos interesses das crianças, “[...] o livro infantil é entendido como uma ‘mensagem’ (comunicação) entre um autor-adulto (que possui a experiência do real) e um leitor-criança (o que deve adquirir tal experiência)” (COELHO, 2000, p. 31). A autora (2000) ainda conclui que se conscientemente ou inconscientemente um leitor realize uma leitura em sintonia com a essência de um texto, o resultado será a formação de determinada consciência de mundo no espírito desse leitor na qual “resultará na formação de determinada realidade ou valores que tomam corpo em sua mente” (COELHO, 2000, p. 50).

Dessa forma, a literatura como um todo e a literatura infantil em especial, tem essa habilidade de transmitir novas e velhas visões, recentes e antigos ideais e valores, caminhos atuais ou ultrapassados aos pequenos leitores. Como cita Lewis (2020), que diz que a literatura “nos permite ter experiências que não são as nossas”, ela não somente nos comunica algo, mas possibilita ao leitor que aquilo seja

experenciado, Lewis (2020) nomina isso dizendo que “nos tornamos esses outros eus”, de forma que, quando lemos, usamos seus óculos, vemos como os autores veem. (LEWIS, 2020, p.18-19). Assim o pequeno leitor pode usar novos óculos e ver aquilo que ele tem experienciado com um novo olhar. Como acrescenta Machado (2009):

Lendo uma história, de repente descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos, que nos parecem uma espécie de espelho. Como estão, porém, em outro contexto e são fictícias, nos permitem um certo distanciamento e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências. (MACHADO, 2009, p. 20).

A problemática é que por ser escrita por adultos, a literatura infantil pode acabar sendo utilizada de forma tendenciosa. Como afirma Wallon (1968): “A maneira como a criança assimila esse mundo pode não ter nenhuma semelhança com a maneira como o adulto por sua vez o utiliza.” (WALLON, 1968, p.32). Isto pode ocorrer quando um adulto compartilha suas interpretações e ideias a respeito de assuntos possivelmente já vividos, para as crianças de forma distinta à forma que a criança assimila essas situações. Segundo o autor: “O egocentrismo do adulto pode, enfim, manifestar-se através da sua convicção de que toda a evolução mental tem por termo inelutável as suas próprias maneiras de sentir e de pensar, as do seu meio e da sua época.” (WALLON, 1968, p. 29).

Em síntese o que acontece é que o adulto, por ter vivido sua infância, presume um pleno conhecimento de todas as idades pelas quais passou, esquecendo-se que mesmo que as faixas etárias sejam as mesmas para todos, as experiências distintas para cada um, constroem também indivíduos distintos uns dos outros. Tais indivíduos sentem, agem e pensam de formas diferentes. Ao julgar-se convicto a respeito das infâncias e tudo que as englobam, autores de livros infantis podem interpretar situações vividas por eles ou por outros, em sua época, como situações uniformes, ou seja, todos passam por elas da mesma maneira e comunicando dessa forma soluções e ideias para as crianças de uma época que difere da do autor. Ao estudarem as emoções, notam que as nomações são as mesmas, então presumem que todos as vivenciam da mesma maneira e as representam da mesma forma que fizeram há tempos atrás e no presente.

3. AS EMOÇÕES NA LITERATURA INFANTIL

No que diz respeito à abordagem, a pesquisa realizada classifica-se como qualitativa, descritiva e de cunho bibliográfico, na qual: “Os dados recolhidos são em forma de palavras e imagens e não de números” (Bogdan e Biklen, 1982, p. 48). Sua fonte qualifica-se, de acordo com Albrecht e Ohira (2000), como primária. Os autores conceituam que:

Fontes primárias - são aquelas que contém ou divulgam informações originais ou que apresentam, sob forma original, informações já conhecidas. As fontes primárias são as mais importantes, por representarem a grande produção técnica e científica da área. Nelas incluem-se: os livros, os periódicos e publicações seriadas, os preprints e anais de eventos, os relatórios técnicos, as normas técnicas, as teses e dissertações e as patentes. (ALBRECHT; OHIRA, 2000, p. 139-140).

Nessa perspectiva, o processo de escolha dos livros se deu de forma complexa, devido à dificuldade em encontrar um critério que englobasse diversos livros infantis que possuíam algo em comum. A busca se iniciou com os mais vendidos e com os mais premiados, porém ao realizar a pesquisa dessa maneira sempre estavam inclusos livros que não atendiam ao perfil desejado, por fim, optou-se por buscar aleatoriamente livros que atendiam aos seguintes critérios: livros literários infantis que abordam as emoções diretamente e livros literários infantis que abordam as emoções indiretamente.

Assim, primeiro foram escolhidos cinco livros que abordam as emoções de maneira direta, nos quais se encontram palavras relacionadas à afetividade e às emoções. Amor, raiva, tristeza, alegria, remorso, ódio, medo, solidão e sentimentos, são palavras presentes, de forma distribuída, em cada livro escolhido para esta seção. A segunda categoria, por sua vez, conta com livros que não denominam ou citam as emoções de forma explícita, mas que permitem aos leitores refletirem sobre elas.

Dessa forma, a pesquisa selecionou, de forma aleatória, de acordo com o interesse da autora, dez livros de literatura infantil publicados no Brasil, para, a partir desta seleção, e do referencial teórico adotado, realizar leitura e análise, utilizando o procedimento indicado por Salvador (1986, apud. LIMA; MIOTO, 2007, p. 41) na seguinte sequência: leitura de reconhecimento do material bibliográfico; leitura exploratória; leitura seletiva; leitura reflexiva ou crítica; e leitura interpretativa.

3.1 LIVROS QUE ABORDAM AS EMOÇÕES DIRETAMENTE

Esta categoria buscou analisar e refletir a respeito de livros que possuem palavras diretas referentes às emoções. Levando em conta que a literatura “(...) nos ensina a melhor sentir” (COMPAGNON, 1999, p. 51), encontram-se nestes livros termos como raiva, inveja, tristeza, alegria, remorso, ódio, medo, solidão e sentimentos. Baseando-nos no que afirma Coelho (2000), a respeito da literatura para crianças:

[...] é o meio ideal não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta. (COELHO, 2000, p. 43).

3.1.1 O livro do medo



Escrito por Raquel Cané, publicado em 2016 pela editora Vergara & Riba. Este livro, como o próprio nome diz, busca refletir sobre os diversos medos que podemos sentir. A autora inicia contando que existem diversos medos, “mas todos assustam da mesma forma”, e segue com a afirmação, na primeira pessoa: “Tenho medo”. Daqui são citados variados medos, como o medo da solidão, de não sentir e de se perder.

De acordo com Wallon (1971), o medo está presente no ser humano desde bebê, seja o medo do escuro, dos sons desconhecidos, da ausência da mãe e o medo da queda. O medo “é suscetível de apresentar diversos graus e diversas formas” (WALLON, 1971, p.122). Isso foi retratado pela autora, de forma marcante, além da escrita, pela ilustração, que transmite ao leitor uma sensação de crescimento

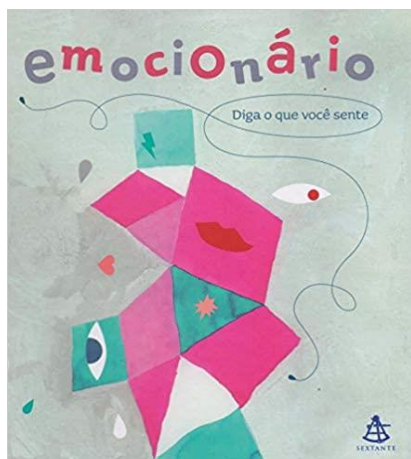
progressivo, realizando uma transição de cores, iniciando com uma menina sozinha e retratando o medo por meio de páginas na cor preta, até que a luz, retratada por páginas brancas e coloridas, apareça sobre os medos, contando também com a presença de uma mulher, representada de forma adulta, que acompanha de mãos dadas a personagem principal no fim. Finalizando assim, com as seguintes frases: “Mas o tempo avança, até sobre o medo”, “Dedicado a todos aqueles que, mesmo temendo, ousaram o mergulho. E àqueles que ainda estão na ponta do trampolim”. (CANÉ, 2016, n.p).

A escrita na primeira pessoa permite que o leitor perceba que a autora é participante com ele, permite ainda que se perceba que o medo também a assola, gerando assim uma identificação. Vale ressaltar que a abordagem da autora não busca decifrar o medo e/ou suas causas, o foco, na verdade, está na nomeação dos medos até que se chegue à sua afirmação final de que “o tempo avança”. Isso não deixa brechas para que o leitor interprete alguma forma de solução rápida para essa emoção, mas que ela vai se transformando e que é necessária a ação do tempo sobre ela, para que ela seja superada. Por fim, percebe-se que apesar de o medo ser sentido desde os primeiros meses de vida, existe certa dificuldade em nomeá-lo, suas causas são diversas e muitas vezes podem ser, aparentemente, sem motivos visíveis, mas, como afirma Mainardes (2004):

O contato das crianças com obras que focalizam o medo pode ser um primeiro passo para o início de um diálogo sobre os medos, permitindo que os mesmos sejam falados, representados e, finalmente, compreendidos e incorporados. (MAINARDES, 2004, p. 7).

Dessa maneira, em todo o processo, desde a escolha do livro, na leitura propriamente dita e após a leitura, se faz possível o diálogo, a conversa, o desabafo do leitor sobre suas percepções, seus medos antigos e novos. O livro possibilita, portanto, especialmente com a mediação de algum adulto, a comunicação e compreensão das emoções.

3.1.2 Emocionário



Escrito por Cristina Núñez e Rafael R. Valcárcel e publicado em 2018, pela editora Sextante. O livro assemelha-se a um dicionário, seu objetivo é dar significado às emoções, não de forma alfabética, porém ao final de cada emoção os autores fazem uma ligação com a emoção da página seguinte. Em seu prefácio, Rosa Collado ressalta que:

Descobrir, identificar e diferenciar as emoções é uma forma de educar os pequenos para que experimentem seus sentimentos sem medo, descubram a si mesmos e se tornem adultos auto-conscientes, com a sensibilidade e a sabedoria necessárias para enfrentar os desafios da vida. (NÚÑEZ E VALCÁRCEL, 2018, n.p).

Desta forma, o livro nomeia e apresenta o significado de 42 emoções, de forma resumida e com a utilização de exemplos. Tamanho repertório é importante pois o livro não se detém nas emoções mais “conhecidas” como o medo, a alegria e a tristeza, mas acrescenta outras, como o remorso, o alívio, a aversão e a euforia. Permitindo que o leitor observe os “sintomas” que cada uma das emoções pode causar, podendo assim também expressá-las de forma mais consciente. O livro conta com a utilização de verbos na terceira pessoa, como: sentimos, pensamos, enfrentamos, experimentamos etc; tal escrita permite ao leitor a consciência de que as respectivas emoções nomeadas não são sentidas apenas por ele, mas que os próprios autores se colocam como pessoas que também as sentem.

Crianças com pouco mais de cinco anos dominam computadores de última geração, mas são incapazes de nomear o que sentem em várias situações por não terem recebido dos adultos nenhuma orientação ou ajuda nessa área. Falar sobre os sentimentos e nomear as emoções são habilidades importantes que ajudam a criança a transformar uma sensação assustadora e incômoda em algo definível e natural, o que

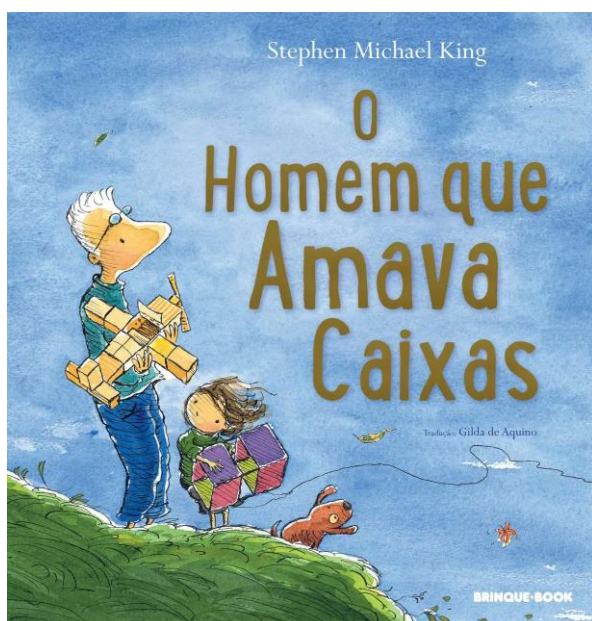
pode ter um efeito calmante imediato. (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005, p.118-119).

Com a representação das emoções, os leitores podem diminuir o impacto que elas causam em si mesmos, propiciando também momentos de diálogo a respeito e ajudando-as a lidar de forma mais saudável com a emoção e suas causas. Isso, não somente na relação com elas mesmas, mas também nas relações com o outro, aprendendo a distinguir o que os outros estão sentindo.

[...] as emoções apresentadas na literatura infantil possibilitam ao leitor realizar descobertas essenciais sobre a natureza de suas próprias emoções, auxiliando-lhe a identificar, expressar e compreender as emoções presentes em seus relacionamentos, constituindo-se como aprendizado emocional. (SILVA, 2009, n.p).

É possível que o leitor ainda não tenha vivenciado, ou ainda não consiga reconhecer todas as emoções citadas no livro, porém mesmo a pré-ciência de cada uma pode ter papel importante no desenvolvimento emocional da criança, pois ao senti-las poderá se lembrar do que foi lido e aprendido, ou até mesmo, retomar a leitura à medida que for sentindo-as.

3.1.3 O Homem que amava caixas



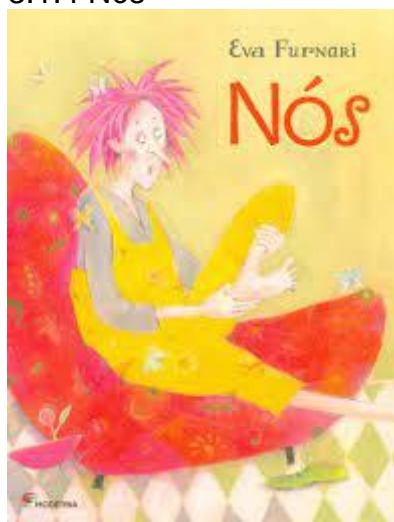
Escrito por Stephen Michael King e traduzido por Gilda de Aquino, publicado pela editora Brinque-Book, em 1997. O livro conta a história de um pai que amava o

seu filho e o filho o amava. O homem também amava caixas. A grande questão é: “O homem tinha dificuldade em dizer ao filho que o amava”. (KING, 1997, n.p). Então, o homem demonstrava o seu amor construindo diversas coisas com as caixas, como castelos e aviões, para seu filho. “Ele sabia que tinham encontrado uma maneira especial de compartilharem o amor de um pelo outro” (KING, 1997, n.p).

O amor e a afetividade aparecem neste livro de forma evidente, assim como a dificuldade em expressá-los. Sua importância é real, toda criança necessita ser amada e bem cuidada por seus familiares desde seu nascimento e a demonstração de seus afetos e do seu amor para com a criança, pode vir de diversas formas. Como explica Chiesa (2019): “O vínculo afetivo que o adulto transmite no cuidado rotineiro (na alimentação, na higiene, nas brincadeiras, contando histórias) é um elemento essencial para que o bebê se sinta atendido nas dimensões físicas e emocionais. (CHIESA, 2019, p. 18). E a autora (2019) acrescenta: “Essa é a base para a autoestima e a segurança emocional que as crianças já desenvolvem desde a fase inicial”. (CHIESA, 2019, p.18).

Apesar de evidenciar a dificuldade do personagem em verbalizar o amor que sentia pelo filho, King (1997) não demonstra que a forma mais adequada seria expressar apenas com atitudes, mas sim que essa forma é uma possibilidade de lidar com o assunto. A verbalização dos sentimentos e emoções são necessárias e positivas para a saúde emocional e a própria saúde das relações. Ao fim do livro o adulto pode dialogar com a criança a respeito do amor e das dificuldades de ambos, se houver, em expressá-lo.

3.1.4 Nós



Escrito por Eva Furnari, publicado em 2015, pela editora Moderna. O livro conta a história de Mel, que era uma garota diferente e que vivia cercada de borboletas. Infelizmente, em sua cidade havia moradores que frequentemente faziam brincadeiras maldosas com ela, assim, com o passar do tempo, começaram a surgir nós em seu corpo, o que fazia com que ela se sentisse triste e com vergonha, mas Mel não se permitia chorar, ela segurava as lágrimas. Um dia, Mel decidiu fugir e em sua fuga os nós começaram a se desatar e ao encontrar um garoto, que também tinha nós em seu corpo, ela desabou a chorar. Ao fim, ao se identificar com ele, Mel descobre que na cidade dele todos possuem nós e encontra nessa cidade o seu novo lugar. Ao se sentir humilhada, Mel chora e se entristece, ao encontrar alguém como ela, ela sente alegria e passa a gostar mais de si. A alegria e a tristeza aparecem no livro de forma marcante, acompanhando Mel em suas atitudes.

O jogo de palavras feito pela autora é bastante interessante, tanto se referindo a "nós", o coletivo, como aos "nós", demonstrados no sentido literal nas ilustrações dos personagens do livro. Os nós de Mel se formaram a partir das chacotas dos moradores da cidade. Tal acontecimento não vai longe da vida real e podemos nomeá-lo de bullying, que pode estar presente desde cedo na vida dos seres humanos.

[...] o bullying compreende todas as atitudes agressoras, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, sendo executada dentro de uma relação desigual de poder, tradicionalmente consideradas naturais, ignoradas ou não valorizadas, cujas exteriorizações fazem reconhecer quatro diferentes expressões de bullying: verbal, físico, psicológico e sexual. (ALMEIDA et al, 2008, p. 9).

As autoras Almeida et al (2008), mostram que as consequências de sofrer bullying são graves e podem vir a curto e longo prazo, a criança pode ter baixo rendimento escolar, perda de autoestima, depressão, ansiedade, medo de expressar suas emoções e diversos outros resultados negativos que oferecem riscos à saúde e ao desenvolvimento social, que não atingem somente as vítimas, mas também os agressores e os observadores, para isso, é necessário a ação dos familiares, das instituições de ensino e de profissionais de saúde. E em todas essas ações há a possibilidade de recorrer à literatura como recurso.

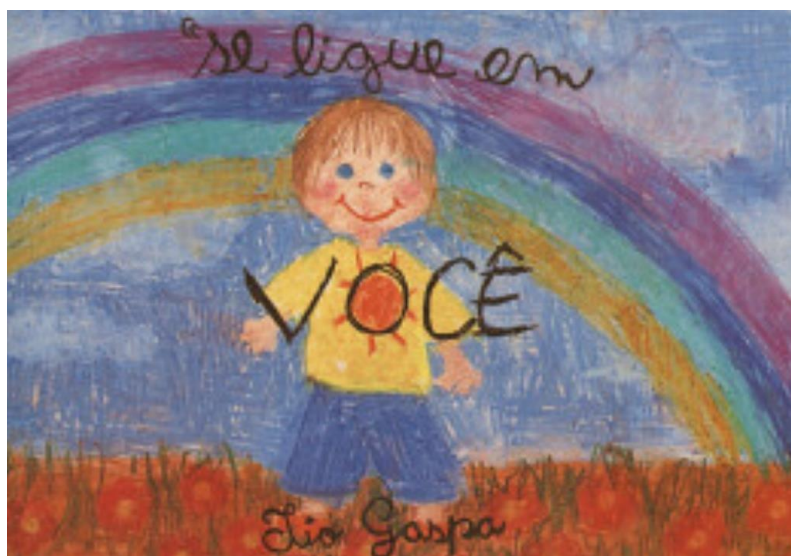
A respeito desse tema, Medeiros (2012) questiona: "Se a literatura é uma leitura da vida real, como, então, não aproveitar essa literatura como instrumento para se discutirem as atitudes dos próprios seres humanos?" (Medeiros, 2012, p. 23). Livros

como “Nós” e diversos outros viabilizam um caminho para a reflexão e para que o leitor efetue associações com suas vivências. Ao interagir com o texto, o leitor pode:

[...] construir, individualmente, uma nova maneira de enxergar a sua própria condição de vida, no mundo real. Esse encontro pode ser potencializado quando a leitura do texto literário vem atrelada a um momento de discussão, favorável ao levantamento de questionamentos e dúvidas, ou seja, quando há uma mediação, ampliam-se as possibilidades de se trabalharem assuntos que prejudicam a paz na escola, como é o caso do bullying. (MEDEIROS, 2012, p.36).

Isso mostra como a abordagem das emoções, mediada pela literatura, é importante para a problematização das questões não somente no ambiente escolar, mas em todo o meio social.

3.1.5 “Se ligue” em você



Escrito por Luiz Gasparetto, publicado em 1993, pela editora Vida e Consciência. No presente livro, o autor conta que existe uma luzinha dentro do peito, que causa os sentimentos, ela depende das nossas ações para acendê-la ou apagá-la. Como diz o autor em sua frase final: “[...] manter a sua luzinha sempre acesa, depende só de você. Então, boa sorte!” (GASPARETTO, 1993, p.3).

Este tipo de livro, diferentemente dos anteriores, pertence ao gênero de escrita de autoajuda, termo atual, que com o passar do tempo, de acordo com Santos (2015), passou a ser compreendido “a partir do princípio de que o indivíduo possuía uma força

interior potencial, através da qual buscava dentro de si, no pensamento positivo, condições necessárias para solucionar diversos problemas da vida” (SANTOS, 2015, p.191). A autora (2015), ao analisar este livro “Se ligue em você”, afirma que este tipo de livro utiliza uma abordagem na qual o autor se coloca como experiente no assunto, pressupondo que ele já passou por estas situações e guiando o leitor com soluções e atitudes prontas.

Exemplo disso são duas situações citadas no livro, uma diz respeito à solidão, quando os amigos não querem brincar ou quando você se perde, o autor afirma e aconselha: “Então, para se sentir bem outra vez, você pode dar atenção a você mesmo [...] Para começar, vá até um espelho e converse e brinque com você” (GASPARETTO, 1993, p.21). A outra situação se refere à rejeição, quando alguém nos trata mal, e a recomendação do autor é: “[.] não escute o que ela diz. Pense que você é bom, é bonito e que você gosta de você do jeitinho que você é”. (GASPARETTO, 1993, p.23).

Nesta perspectiva, a relação entre o eu e o outro não instaura a troca de experiências, o respeito à diversidade e a busca de diálogo, mas promove o afastamento e a individualidade, no sentido de evitar pontos de vista divergentes, ignorando o outro e cultivando os mais distintos sentimentos narcísicos. (SANTOS, 2015, p. 206).

Além de colocar a criança como única responsável por suas emoções, o livro afirma que o medo, a alegria e diversas emoções estão relacionadas a essa "luzinha no nosso peito; Este tipo de abordagem de autoajuda, tendenciosa para um lado místico, que incentiva o olhar individualista e nega a experiência da socialização e o olhar para o outro, não se mostra adequada para o adulto, tão pouco para a formação da criança.

3.2 LIVROS QUE ABORDAM AS EMOÇÕES DE FORMA INDIRETA

Esta categoria selecionou livros que não abordam emoções de maneira direta, mas que permitem ao leitor realizar conexões com as emoções vividas no dia a dia, pois, como afirma Medeiros (2012):

É o leitor que apresenta à história suas perspectivas, angústias e dúvidas, colhendo os significados que lhe são pertinentes, após refletir sobre o texto, isto porque os sentimentos e as emoções vivenciadas nesse tipo de leitura muito se assemelham aos sentimentos da vida

real – afinal a ficção apesar de imaginária, trata-se de uma construção paralela ao mundo real, além de uma expansão dessa realidade, a partir da capacidade criativa do autor.
(MEDEIROS, 2012, p. 37).

Dessa forma, no processo de leitura, os leitores podem considerar a respeito da leitura, dialogar com alguém, e construir suas percepções, de acordo com aquilo que seja necessário, com a possibilidade de ir além, aprendendo novas percepções e visões.

3.2.1. Quando você não está aqui



Escrito por María Hergueta, traduzido por Márcia Leite e publicado em 2017 pela editora Pulo do gato. O livro conta como um garoto se sente e o que acontece quando sua irmã não está em casa. Ele trabalha com sentimentos do menino que se contradizem, como as seguintes afirmações: “Eu gosto quando você não está aqui. Quando você não está aqui, sou o rei da casa” (HERGUETA, 2017, p. 4), e “Quem vai me fazer companhia quando você não está aqui?” (HERGUETA, 2017, p.27).

Inicialmente, o garoto afirma que gosta da ausência de sua irmã, pois com sua ausência ele pode realizar melhor aquilo que ele tem vontade, como brincar, não precisar dividir as coisas e ter mais espaço. Sentimentos assim, podem ser frequentes em crianças que possuem um irmão, ou alguém que pareça tomar seu lugar, porém no decorrer do livro percebe-se que existem diversos pontos em que a ausência de sua irmã é sentida como algo negativo. Nesse tipo de situação abordada no livro,

revelam-se presentes o egoísmo, a saudade, o ciúme, o conflito por atenção e o companheirismo, emoções e sentimentos antagônicos, assim como as frases do livro.

É comum entre as crianças a dificuldade em lidar com seus irmãos e costuma ser necessário um tempo de aprendizagem e vivências para que aprendam a valorizar a presença do outro e a levar em conta outros conhecidos fora da família. Pode-se dizer que o irmão, possivelmente, será a pessoa com quem o indivíduo se relacionará por mais tempo na vida, seja ele um irmão biológico, adotivo ou "de consideração". Seguindo esse pensamento, percebe-se que:

A relação entre irmãos é um laboratório natural para a aprendizagem de crianças pequenas a respeito de seu mundo. [...] Há muitas oportunidades para as crianças pequenas desenvolverem uma compreensão sobre as relações sociais com membros da família que podem ser próximos e afetuosos em alguns momentos, e desagradáveis e agressivos em outro. (HOWE E RECCHIA, 2006, p. 5).

O desfecho do livro se dá com o retorno da irmã, situação que é retratada por sorrisos estampados nos rostos dos dois irmãos caminhando juntos e isso remete à ambivalência dos sentimentos expressados na história.

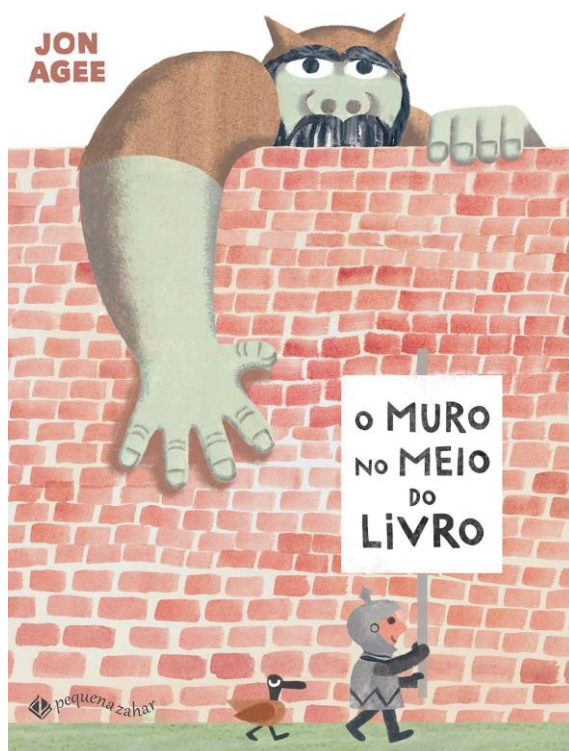
3.2.2 Este é o Lobo



Livro escrito por Alexandre Rampazo, publicado em 2016, pela editora DCL. O autor reflete a respeito das diversas narrativas em que o Lobo é visto e representado como um vilão, ou como um personagem mau. Inicialmente, a ilustração do seu tamanho preenche toda a página, intercalando com diversos personagens ligados às histórias que ele participa, como a "Chapeuzinho Vermelho" e "Os três porquinhos", toda vez que um novo personagem aparece, o lobo diminui até que o lobo fique cada vez menor. Então, quando o lobo já está bem pequeno aparece um menino e pergunta: "Ei, seu lobo... Quer brincar?", o lobo então aceita sorridente. Ao fim, aparece o lobo sendo acolhido por todos os personagens anteriormente mostrados.

Apesar de não tratar especificamente de uma emoção, o livro possibilita que o leitor perceba a solidão do lobo. A solidão permite que diversas emoções sejam sentidas, como a tristeza, o medo, a raiva e a mágoa. A tristeza por estar só, o medo por se sentir sem segurança, a raiva de quem pode ter feito com que se sinta assim e a mágoa dessas pessoas. O livro pode incentivar o leitor a se lembrar de algum momento no qual ele percebeu que alguém se sentia sozinho, se havia algo que ele pudesse fazer, como o menino fez no livro, chamou o lobo para brincar. Também olhar pra si, se se sente ou já se sentiu como o lobo, talvez o exemplo do menino auxilie o leitor da mesma forma, existem muitos caminhos, que podem ser pensados e dialogados a partir desta leitura.

3.2.3 Um muro no meio do Livro



Escrito por Jon Agee, traduzido por Juliana Freire e publicado em 2019, pela editora pequena Zahar. O livro ilustra um muro no meio do livro, de um lado um pequeno cavaleiro e do outro um ogro e outros personagens aparentemente perigosos, como um tigre, por isso o cavaleiro se sente seguro somente onde está e não pretende passar para o outro lado. “Este lado do livro é seguro” (AGEE, 2019, n.p), afirma o cavaleiro. Porém, o que ocorre é que o lado em que ele está se torna perigoso e o ogro o salva, o levando para o outro lado, então o ogro diz: “Ha ha ha! Eu sou um ogro legal. E este lado do livro é fantástico!” (AGEE, 2019, n.p). E o pequeno cavaleiro descobre que nem tudo é o que parece.

Ao realizar-se a leitura percebe-se que o cavaleiro aparentemente tem medo e receio do desconhecido, já que ele só se sente seguro no seu lado do muro. O lado inexplorado parece assustador, mas basta ele ser resgatado para ver que o ogro é bom, aquilo que ele pensava que poderia acontecer nesse novo lugar, não aconteceu.

O que a ficção lhe outorga é uma visão de mundo que ocupa as lacunas resultantes de sua restrita experiência existencial, por meio de sua linguagem simbólica, [...] [portanto] seja pelo conto de fadas, pela reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas, ou pelo relato de aventuras, o leitor reconhece o contorno no qual está inserido e com o qual compartilha lucros e perdas (ZILBERMAN, 2003, p. 27).

Aos leitores fica a impressão de que sempre podemos ir além e sair da zona de conforto. Isso pode lembrar ao leitor, por exemplo, do momento de adaptação na escola, momento emocionalmente fadigoso, pois o lugar, ainda desconhecido, pode não passar a segurança e o aconchego do lar, que a criança está acostumada. Porém, logo o leitor pode perceber que estava enganado, ao conhecer o novo ambiente, perceberá que é diferente do que ele imaginava.

3.2.4 Bem lá no alto



Escrito por Susanne Straber e traduzido por Julia Bussius, publicado em 2016, pela editora Companhia das Letrinhas. O livro possui um tom de humor, no qual um urso está com fome e avista um bolo em uma janela. “Mas o bolo está bem lá no alto. E o urso está bem lá embaixo” (STRABER, 2016, n.p). A partir daqui vários animais vão aparecendo, primeiro um porco, depois um cachorro, um coelho, uma galinha e um sapo, cada um sobe em cima do anterior, tudo para alcançar o bolo. Até que uma criança aparece na janela onde o bolo está, desce e abre a porta, chamando todos para comerem, demonstrando assim a importância da cooperação e da amizade.

Garcia e Pereira (2008), ao realizarem uma pesquisa a respeito da amizade na infância, entrevistaram 40 crianças entre 7 e 10 anos e afirmam:

Quatro emoções básicas foram investigadas: alegria, tristeza, raiva e medo. A alegria foi a emoção mais relacionada às amizades (38), em função do brincar (17). Outros motivos incluíram falar coisas engraçadas (quatro) e receber coisas/presentes (quatro). Outras emoções presentes foram a raiva de um amigo (22), o medo de perder um amigo (21) e a tristeza causada por um amigo (19). A raiva era causada por implicância (oito), fazer coisas que a criança não gosta (dois) e brigas (dois). A tristeza também foi causada principalmente por brigas (quatro) ou agressão física (seis). Muitas crianças (21) responderam que um amigo nunca as havia deixado tristes, porque eram amigos, não faziam nada ou porque brincavam com ele/ela. (GARCIA E PEREIRA, 2008, p.31).

O que se nota diante desta pesquisa é que podemos encontrar diversas emoções nas relações entre amigos, o benefício é que essas vivências colaboram para que as crianças ampliem o seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Convivendo em pares ou grupos, conhecem o companheirismo e as alegrias que o envolvem, mas também sentem raiva e tristeza de seus companheiros. Tais momentos negativos não são o foco do livro em questão, na verdade a autora revela na história que todos cooperaram uns com os outros. Porém, ao realizar a leitura abre-se lugar para que o leitor se identifique com a amizade dos personagens, reflita e converse com alguém a respeito dos amigos que se assemelham ou diferem do exemplo da história.

3.2.5 Os pássaros



Escrito por Germano Zullo e ilustrado por Albertine, publicado em 2013, pela editora 34. Este livro se inicia com um pequeno texto poético, em páginas em branco, sobre os pequenos detalhes, a ideia central da escrita é que “Os pequenos detalhes são tesouros. Verdadeiros tesouros. [...] Um único desses detalhes é suficiente para mudar o mundo.” (ZULLO E ALBERTINE, 2013, n.p). A partir daqui o livro só possui imagens, que contam a história de um caminhoneiro, que carregava uma grande quantidade de pássaros de jeitos e cores diferentes, ao fim da estrada, ele abre a porta e solta todos, mas um deles não levanta voo como os demais, ele fica na caminhonete, tímido. O caminhoneiro então o acolhe, lhe dá algo de comer e o ensina a voar. O pequeno pássaro então, parte voando e se junta ao seu bando. O caminhoneiro vai embora, porém o pequeno pássaro volta, junto com todos os outros e o carregam pelos ares, finaliza-se o livro com a imagem do caminhoneiro voando com o pássaro que ele tinha ajudado, somente os dois.

Ao refletir sobre a importância das histórias sem texto, Abramovich (1997) afirma que:

“[...] Ao prescindir do verbo, dão toda possibilidade para que a criança o use... Oralizando essas histórias, colocando um texto verbal, desenvolvendo algumas das situações apenas sugeridas [...] ampliando um detalhe proposto e daí refazendo o todo, de modo novo e pessoal” (ABRAMOVICH, 1997, p.32-33).

A leitura dessa história, feita de forma ilustrada e sequencial, porém sem texto, possibilita inúmeras interpretações e se o leitor se atentar, perceberá as expressões

faciais marcadas no livro de forma intencional, como o rosto de surpresa do caminhoneiro ao ver que um pássaro não foi com o grupo e os sorrisos demarcados ao ensiná-lo a voar e ao voar com o grupo de pássaros no fim.

O leitor pode se identificar com o pássaro, tímido, receoso do voo, necessitando do apoio e do ensino do outro, mas também de reconhecer-se no caminhoneiro, feliz em ajudar, alegre por alcançar a liberdade. Abordar a alegria, a satisfação, a felicidade, emoções consideradas “positivas”, tem sua relevância, bem como as consideradas “negativas”. O livro pode dialogar a respeito de momentos e memórias que fizeram o leitor abrir um sorriso no rosto, ou quais são, os pequenos detalhes que o fazem feliz. Reconhecer momentos felizes auxilia a criança a lidar com os momentos de adversidade, pois se os momentos felizes passam, assim também as situações de tristeza estão sujeitas a passarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, notou-se uma dificuldade em obter o significado das emoções, tal assunto permeia discussões antigas, que se afastam e se unem umas às outras, e que buscamos compreender no decorrer deste trabalho. Entendemos a partir dessa análise, o crucial papel das emoções na formação dos sujeitos. Vimos que sua aparição se inicia junto com a vida do bebê, quando, por ainda não saber verbalizar, chora, daqui se segue que a emoção, como já afirmou Zazzo (1968, p. 14) “é uma linguagem antes da linguagem”.

Ao nos depararmos com esse impasse, a relevância do tema se destacou, pois foi nesse embaraço que conseguimos assimilar, de forma mais nítida, de que maneira a abordagem desse assunto na literatura infantil pode contribuir para que as crianças se desenvolvam e assimilem suas próprias emoções, visto que compreendê-las é necessário para a aprendizagem e desenvolvimento da criança e a literatura infantil adentra aqui como uma boa “caixa de ferramentas”, como afirmam Corso e Corso (2006):

Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados consertos ou instalações só poderão ser realizados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares.

Essas narrativas são, na mão do leitor, como um instrumento que o auxilia a passar por diversas intercorrências, sejam dúvidas, angústias, anseios, medos, tristezas, alegrias e tudo o que se possa imaginar. E tais narrativas não se prendem à intenção do autor, pois cabe ao leitor encaixá-las em suas próprias necessidades, com a possibilidade de voltar a lê-las sempre que desejar. Isso foi comprovado, sobretudo, ao realizarmos a análise dos cinco livros literários da segunda categoria, que englobou livros que não abordam emoções diretamente, mas permitem que se realize uma interpretação própria que, muito possivelmente, pode não coincidir com a intenção de escrita dos autores dos livros. Como esclarece Solé (1998):

“[...] o leitor constrói o significado do texto. Isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tenha sentido ou significado [...] Estou tentando explicar que o significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos. (SOLÉ, 1998, p. 22).

Em conclusão, pode-se afirmar que este trabalho alcançou os objetivos propostos, entendendo como as emoções estão presentes na literatura infantil e como merece atenção a abordagem de autoajuda, como vimos por exemplo na análise do livro "Se liga em você". Pois levando em conta o referencial teórico utilizado a respeito da literatura, exibiu-se a questão de autores adultos, que de forma errônea podem transmitir ideais negativos para a criança leitora, que pode se identificar com os personagens e tomar para si soluções não edificantes para seu desenvolvimento emocional e social.

Reitera-se como a abordagem das emoções na literatura infantil tem um potencial formativo e pode ser de grande auxílio para as crianças, seja quando utilizada pelos adultos que leem em voz alta, seja quando se torna objeto de leitura pela própria criança ou com o direcionamento da instituição de ensino. Por fim, ao recorrer a todos os livros necessários para o processo de escrita deste trabalho de conclusão do curso, podemos afirmar juntamente com Abramovich (1997) que ler é maravilha e gostosura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALBRECHT, Rogeria F.; OHIRA, Maria L. B. Bases de dados: metodologia para seleção e coleta de documentos. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.5, n.5, p.131-144, 2000

ALMEIDA, Kathanne L.; SILVA, Anamaria C. e. CAMPOS, Jocileide S. **Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying**: uma revisão de literatura. Revista de Pediatria SOPERJ, v.9, p. 8-16, 2008. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/download/BULLYING/LEITURA%2011.pdf>>

AGEE, Jon. **O muro no meio do livro**. Tradução de Juliana Freire. 1.ed. Pequena Zahar, Rio de Janeiro, 2019.

AGUIAR, Vanda T. **O leitor competente à luz da teoria da literatura**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 124, v. 5/6, p.23-34, jan./mar. 1996.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010. Coleção Primeiros Passos. *E-book*.

CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 171-193

CANÉ, Raquel. **O livro do medo**. 1.ed. VR editora, 2016.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. 1. ed. Artmed, 2005.

DANTAS, Goimar. **A arte de criar leitores: reflexões e dicas para uma mediação eficaz**. 2 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2021.

DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

DEL PRETTE, Zilda A. P.; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

FEHR, Beverley; RUSSEL, James A. **Concept of Emotion Viewed from a Prototype Perspective**. *Journal of Experimental Psychology: General*. 1984, Vol. 113, No. 3, 464-486

FRANCO, Maria da Glória S. D. E. C; SANTOS, Natalie Nobrega. **Desenvolvimento da Compreensão Emocional**. (2015). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol 31, n. 3, 334–348. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015032099339348> <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/18598/17336>>, acessado em 11 de fev de 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 23.ed. São Paulo. Cortez, 1989.

FURNARI, Eva. **Nós**. 1.ed. Moderna, 2015.

HOWE, Nina; RECCHIA, Holly. **Centre for Research in Human Development, Universidade de Concordi**. Canadá 2006 (Inglês). Tradução: outubro de 2011. Disponível em: <<https://www.encyclopedia-crianca.com/pdf/expert/relacoes-entre- pares/segundo-especialistas/relacoes-entre-irmaos-e-seu-impacto-no-desenvolvimento>> Acesso em 12 de fev, 2023.

HERGUETA, María. **Quando você não está aqui**. Tradução de Márcia Leite. São Paulo: Editora pulo do gato, 2017.

GARCIA, A.; PEREIRA, P. **Amizade na infância: um estudo empírico**. *Psic: revista de Psicologia da Vetor Editora*: São Paulo, v.9, n.1, p.25-34, 2008.

GASPARETTO, Luiz A. **Se ligue em você**. São Paulo: Centro de estudos Vida & Consciência editora, 2018.

JOHNSON-LAIRD P. N.; OATLEY, Keith. **Emotions in Music, Literature, and Film**. In: *M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, & L. F. Barrett (Eds.), Handbook of emotions. Fourth Edition, 2016 (p.82 –98). The Guilford Press, 2016*. Disponível em: <<http://emotrab.ufba.br/wp-content/uploads/2020/09/Handbook-of-Emotions-Fourth-Edition-by-Lisa-Feldman-Barrett-Michael-Lewis-Jeannette-M.-Haviland-Jones-z-lib.org-compactado.pdf>> Acessado em 12 de fev de 2023.

KING, Stephen M. **O homem que amava caixas**. Tradução de Gilda Aquino. 1.ed. Brinque-Book, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LIMA, Telma D. C. S.; MIOTO, Regina C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45, 2007. Disponível em : <<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em 12 de fev de 2023.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **As emoções no processo psicoterapêutico**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MAINARDES, J. **O medo no livro infantil**. In: Silva, Márcia B. da. (Org.). Medos, medinhos, medonhos. Ijuí: Editora Unijuí, 2004

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MEDEIROS, Livia Cristina Cortez Lula de. **Literatura e educação**: o bullying nos contos de fada, uma discussão possível.. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/14528>>.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

RAMPAZO, Alexandre. **Este é o lobo**. São Paulo: DCL, 2016

SANTOS, S. D. M. **Armadilhas e ilusões dos livros de autoajuda infantil na educação escolar**. In: Chaves, Juliana de Castro; Bittar, Mona; Gebrim, Virgínia Sales. (Org.). Escritos de Psicologia, Educação e Cultura II. Ied. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2015, v. I, p. 183-218.

SILVA, Nívia P. O. **Literatura infantil e os conflitos emocionais na infância**: Tecendo caminhos para uma pedagogia das emoções. In: 17 Congresso de leitura do Brasil. Campinas, 2009.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, Ana A. A. **Para que serve a literatura, então?** In: Rony Márcio Cardoso Ferreira. (Org.). Literatura infantojuvenil. 1 ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2013, v. 01, p. 06-136.

STRABER, Susanne. **Bem lá no alto**. 1. ed. Companhia das letras, 2016.

VARCACÉL, Rafael R. **Emocionário**. 1ed. Editora Sextante, 2018.

WALLON, Henri. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da criança**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZAZZO, René. **Wallon, psicólogo da infância**. In: WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Lisboa. Edições 70, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11^a ed., São Paulo: Global, 2003.

ZULLO, Germano; ALBERTINE. **Os pássaros**. 1.ed. Editora 34, 2013.